

fale com ELA

INSPIRADAS PELO TRABALHO DE JUDY CHICAGO, UMA DUPLA DE ARTISTAS CRIOU O VAGINA CHINA, PROJETO QUE, COMO A ARTISTA FEZ NOS ANOS 1970, BUSCA DAR PROTAGONISMO ÀS MULHERES.

POR JÚLIA VALENTINI STORCH

Discutir o significado do feminino e desmitificar a relação das mulheres com seu próprio corpo foi o objetivo inicial de Joy Eisenhauer e Julie Maren ao criar o projeto norte-americano Vagina China. A ideia foi lançada no final de 2016 – justamente quando as artistas, de 46 anos, tinham certeza de que os Estados Unidos teriam uma mulher, Hillary Clinton, como presidente.

Nas cerimônias (como chamam os encontros que acontecem uma vez por mês num estúdio em El Dorado Springs, no Colorado), as mulheres são recebidas com chá e chocolates, além de tintas para pintar em cartazes espalhados pela sala. Quando estão mais descontraídas e ambientadas, Joy e Julie as convidam para conversar em grupo, trocando experiências: os assuntos vão desde a relação com o próprio corpo até possíveis traumas relacionados ao tema. São aceitas no grupo mulheres que nasceram com o órgão feminino e também as que se identificam com o gênero.

“As reuniões pretendem tratar muito mais sobre o processo de aceitação do corpo do que ter respostas absolutas sobre o feminino”, explica Joy. “Até que chega o momento mais legal e emocionante do evento”, conta. Isso é quando as participantes são convidadas, vestindo

uma camisa que as cobre até os joelhos, a gravar suas vaginas sobre uma massa fresca – a mesma usada por dentistas para moldar arcadas dentárias. Essas gravações são depois acopladas a um prato de cerâmica – daí o nome “china”, usado entre colecionadores para designar a porcelana produzida no país.

Depois de tingidos e pintados, os pratos compõem coleções temáticas, como a *Vulva la Résistance* (2017), inspirada no Women’s March (protesto contra o governo de Donald Trump e a favor dos direitos das mulheres e LGBTQ+, que aconteceu em 21 de janeiro de 2017, em mais de 50 países). Foram escolhidos para colorir essa série os tons dos Pussyhats – os gorros cor-de-rosa com orelhas de gato usados na marcha.

Colocar a vagina como protagonista por meio da porcelana não é uma abordagem recente. A norte-americana Judy Chicago e sua grandiosa obra, *The Dinner Party*, tenta desmitificar o órgão sexual feminino desde os anos 1970 (leia mais na pág. 194). A famosa obra ocupa uma galeria no Centro Elizabeth A. Sackler para Artes Feministas, no Museu do Brooklyn, em Nova York. Lugar que, no fim do ano passado, recebeu Judy, Joy e Julie para um debate sobre os trabalhos das três. A reunião vai virar um documentário ainda este



FOTOS CONSTANTIN DIEHL



FOTO DONA LAURITA



semestre. “Talvez tenha sido o encontro mais importante até agora do Vagina China por causa da presença de nossa maior inspiração”, lembra Joy. “Judy, que tem 78 anos, foi muito elegante quando a convidamos para moldar sua vagina, dizendo que no momento estava ocupada.”

À ELLE, Judy disse que essa versão de seu trabalho no século 21 “é uma celebração do que significa ser uma mulher e uma expressão profunda de valor próprio por meio da arte”. Para Julie e Joy, o Vagina China é um meio de tornar as mulheres artistas por meio de seu gênero e corpo. Agora, a dupla pretende continuar a arrecadação de doações online para exibir os pratos em galerias e museus pelos Estados Unidos, “e quem sabe expor no Museu do Brooklyn, ao lado de Judy, ou até no Brasil”.

Acima e ao lado, pratos das coleções do Vagina China. Os rosa e vermelhos foram inspirados nos tons dos Pussyhats, os gorros da Women’s March.